

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA**

MARIA CLÁUDIA RODRIGUES DE SOUZA

TÍTULO: O VÍNCULO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Aprender por meio do afeto e da proximidade emocional – um olhar individual,
personalizado para ação imediata

São Leopoldo

2018

MARIA CLÁUDIA RODRIGUES DE SOUZA

O VÍNCULO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Aprender por meio do afeto e da proximidade emocional – um olhar individual,
personalizado para ação imediata

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Educação, pelo Curso de Educação
Jesuítica da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a. Simone Regina Viana

São Leopoldo

2018

O VÍNCULO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM¹

Aprender por meio do afeto e da proximidade emocional – um olhar individual, personalizado para ação imediata

Maria Cláudia Rodrigues de Souza.²

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a importância do vínculo no processo de aprendizagem e a relação entre professor e aluno. Propõe reflexões sobre o conceito de vínculo e sua contribuição para que ocorra uma aprendizagem significativa e integral sobre o processo de aprendizagem e assim, perfilar que a relação entre professor e aluno traz instrumentos capazes de demonstrar que o vínculo interfere de forma positiva na aprendizagem integral do sujeito. Como conclusão, pode-se dizer que o papel do professor está em contribuir de forma concreta e significativa na relação educando e educador, possibilitando uma aprendizagem personalizada dentro do processo educacional.

Como base, cito alguns autores que por meio de seus escritos, contribuirão no incremento deste trabalho: Klein, SJ (2015), RUFFIER, SJ (2009), PEC (2016), VISCA (2015), PAÍN (1985), VYGOTSKY (1989).

Palavras-chave: Vínculo; Aprendizagem; Afetividade; Relações

¹ Artigo apresentado ao curso de Educação Jesuítica da Universidade Rio dos Sinos de São Leopoldo Rio Grande do Sul. Orientação: Prof^o. Simone Regina Viana.*Professora Mestra pela Universidade de Jaén, pós-graduada em Alfabetização Escrita e Numérica e em Práticas e Vertentes do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura, graduada em Pedagogia e Letras (Português/ Inglês), coordenadora em Educação a Distância pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). simoneregina@vianaviana@gmail.com

² Pedagoga. Professora de Educação Infantil e Fundamental I da rede particular de São Paulo. Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pelo Centro Universitário Assunção – UniFai de São Paulo. Pós graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: kalrodrigues07@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em que medida o vínculo afetivo ou a falta dele influencia no processo de aprendizagem?

Somos seres dotados e necessitados de sentimentos. Quando ainda bebês, o afeto e o vínculo são tudo o que nos completa. Somos apenas emoção. À medida que vamos crescendo começamos a partilhar estes sentimentos com outras pessoas. E no decorrer de nossa vida, vamos sentindo a necessidade de vivenciar e estabelecer vínculo com outros seres para que possamos aprender, ensinar, partilhar, enfim, trocar conhecimento com nossos pares.

A escolha por este tema deve-se ao fato de que a Pedagogia Inaciana proporciona uma nova visão, uma forma diferenciada de compreensão sobre a forma de aprender.

A proposta de analisar a relação do vínculo entre aprendente e ensinante no contexto da aprendizagem surgiu a partir de minha prática pedagógica e no trabalho realizado ao longo de alguns anos em minha profissão enquanto pedagoga atuante nas séries iniciais. Isto significa que, tanto para ensinar quanto para aprender, é fundamental que se estabeleça vínculos.

Assim, é fundamental levarmos em consideração a contribuição do vínculo para o êxito no processo de aprendizagem, portanto questiona-se: Em que medida o vínculo afetivo ou a falta dele influencia o processo de aprendizagem?

Este questionamento traz discussões, reflexões e interesse por parte dos educadores que creem no sucesso da aprendizagem tendo como princípios primordiais a afetividade na relação aprendente e ensinante. Fato este que contribui na construção da autoestima.

Desta forma, faz-se necessário compreender a importância de estabelecer e experimentar novos métodos de afetividade nos espaços designados à aprendizagem.

Este estudo está estruturado de forma descritiva tendo como objetivo geral uma análise sobre a importância do vínculo no processo de aprendizagem. E como objetivos específicos destacam a contribuição do liame para a formação do

aprendente, conhecer a relação entre educando e educador e argumentar sobre a influência do vínculo para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil.

Falar sobre relações, afetividade, proximidade é sem dúvida necessário, pois se considera que muitos educadores ainda apresentem dificuldades em relação ao instituir vínculo com seus educandos, estabelecendo uma aprendizagem significativa, integral e consistente.

Após esta breve introdução com a finalidade de situar o leitor sobre os procedimentos introdutórios, estruturei o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, o conceito de vínculo e sua importância na vida do indivíduo. No segundo, entrarei com o referencial teórico sobre o processo de aprendizagem e por fim, no terceiro capítulo, a influência e contribuição do vínculo para que ocorra a aprendizagem de forma significativa.

É importante se pensar sobre a afetividade e estabelecimento de ligações como fator essencial na relação professor e aluno, ampliando análises e reflexões no elo entre afetividade e aprendizagem significativa na formação integral do indivíduo.

Assim, este estudo será de cunho bibliográfico na perspectiva de GIL, (2008, p.28). “Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação.”

Para se discutir as questões do vínculo na aprendizagem significativa e personalizada, recorri às pesquisas de Klein, SJ (2015), RUFFIER, SJ (2009), PEC (2016), VISCA (2015), PAÍN (1985), VYGOTSKY (1989) entre outros.

O CONCEITO DE VÍNCULO

Ao investigar sobre o vínculo no âmbito do processo de aprendizagem, faz-se necessário esclarecer no contexto educacional o que significa tal termo.

Ao nascer, um bebê se depara com a proximidade de outros indivíduos que de diferentes maneiras, estabelecem vínculos afetivos e/ou moral e social com o mesmo. À medida que vamos crescendo, estabelecemos liames em diferentes categorias e intensidade com diversos indivíduos e grupos sociais.

Ao ingressarmos na escola, creche, ou qualquer instituição educativa, estes ligamentos se tornam fundamentais para nossa existência enquanto seres sociais. Pois é com base na constituição destas relações que estabelecemos nossa vida social, moral e afetiva.

À família e a instituição escolar, cabe o papel da criação de vínculo relacionado à estimulação, disciplina, curiosidade, interesse e acredito que podemos dizer também, encantamento.

De acordo com Maturana (2004), são os fundamentos da condição humana que permeiam o afetivo e o lúdico. Acredita que a democracia como uma forma de convivência só pode existir e ser eficaz entre adultos que tenham vivido, na infância, relações de total aceitação e que o brincar e o desenvolvimento afetivo são essenciais nesse período, constituindo bases fundamentais para a formação de adultos psicologicamente aptos para a convivência democrática e para a sustentabilidade.

No âmbito escolar, quando o vínculo é estabelecido entre professor e aluno, a paixão, o encantamento de um se torna o mesmo para o outro. Desta maneira, o vínculo se torna um elo entre quem ensina e quem aprende.

Embora possa aparentar algo simples ou supérfluo, o estabelecimento deste vínculo na aprendizagem, necessita de ambos, educador e educando, uma mão dupla de amizade, escuta, aceitação, acolhimento, trocas e um olhar personalizado no sentido de ver no outro aquilo que te completa e que te faça crescer.

O vínculo constituído com base no respeito mútuo, na confiança, escuta, olhar diferenciado e atenção personalizada entre professor – aluno se traduz numa conexão capaz de estabelecer uma trajetória significativa rumo à aprendizagem estabelecendo ações comprometidas com seus pares.

[...] Uma reflexão partilhada pode reforçar, desafiar, estimular a reconsideração e, finalmente, dar maior segurança de que a ação que se vai empreender – individual ou coletiva – vai ficar mais integrada e ser mais coerente com o que significa ser “uma pessoa para os outros”. (RUFFIER, 2009, p.58)

A concepção de vínculo entre professor – aluno, ocasiona uma relação de respeito, confiança e parceria que ocorre a partir das necessidades do indivíduo. Buscando desta maneira, estabelecer a melhor estratégia rumo às novas aprendizagens. Com isto, pode-se afirmar que quanto maior for o vínculo, mais eficaz serão os resultados, pois a troca de saberes entre ambos ocorrerá de maneira efetiva e consistente.

De acordo com Ruffier (2009), em sua pedagogia, Inácio distingue o estágio afetivo/avaliativo do processo de formação, onde os sentimentos afetivos vão além de “sentir e saborear”, incorporam-se na própria experiência, motivando o indivíduo a passar da compreensão à ação e ao compromisso.

Neste contexto, mais do que saber sobre o vínculo estabelecido entre aluno e professor, é imprescindível saber qual o vínculo que este indivíduo estabelece com a escola, os amigos dentro e fora da sala de aula, a família e demais adultos que estão à sua volta lhe oferecendo modelos de aprendizagem em diferentes cenários onde ocorre este conhecimento. “Cada sujeito estrutura cada vínculo e a trama total de forma singular”. (VISCA, 2015, p.16).

A relação entre aprendente e ensinante produz uma aprendizagem viva, coexistentes em inúmeros processos relacionais incididos por meio da convivência entre duas pessoas que operam uma sobre a outra estabelecendo a confiança, apoio e o vínculo. Neste sentido, faz-se necessário criar e estruturar uma relação positiva e responsável. De outra forma, pode-se estabelecer uma ligação de dependência negativa emocionalmente.

A relação pessoal entre estudante e professor favorece o crescimento no uso responsável da liberdade. Professores e direção, jesuítas e leigos são mais do que orientadores acadêmicos. Estão envolvidos na vida dos alunos e têm um interesse pessoal no desenvolvimento intelectual, afetivo, moral e espiritual de cada aluno, ajudando cada um deles a desenvolver um senso de autoestima e a se tornarem pessoas responsáveis dentro da comunidade. Respeitando a privacidade dos alunos, estão prontos a ouvir suas perguntas e preocupações sobre o significado da vida e compartilhar suas alegrias e suas tristezas, a ajudá-los no seu crescimento pessoal e suas relações interpessoais. (KLEIN, SJ, 2015, p.57).

Quando este liame é criado de forma significativa e responsável, estreita os laços de forma construtiva e saudável, excluindo a dependência e a possessão emocional. A criação do vínculo só é possível com competência emocional, estrutural e carismática. Deve ocorrer de maneira que possibilite ajudar o outro a transpor obstáculos, encontrar caminhos para a resolução de seus conflitos e problemas, e o mais importante, se colocar no lugar do outro exercitando a responsabilização sobre seu conhecimento.

CONCEPÇÃO DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem é o ato ou ação de aprender algo seja pela vivência, treino ou experiência anterior. Seu conceito histórico baseia-se no empirismo, crendo que o conhecimento se dá a partir de experiências.

De acordo com o PEC, (2016), faz-se necessário superar os modelos lineares pautados somente no ensino. Nesta perspectiva se busca organizar os espaços e tempos escolares com novas e criativas perspectivas de aprendizagem.

Desafio ainda maior nesta etapa do paradigma da aprendizagem, é formular perguntas que ampliem a sensibilidade do aluno e o façam considerar o ponto de vista dos outros, especialmente dos pobres. (RUFFIER, 2009, p. 57)

Portanto, cabe dizer que é por meio da aprendizagem que se transmite a conduta humana, seus valores culturais, políticos e sociais de uma civilização para com seus descendentes.

Não há necessidade de sublinhar que a característica essencial da aprendizagem é que dá lugar à área do desenvolvimento potencial, isto é, faz nascer, estimula e ativa, na criança, processos internos de desenvolvimento no quadro das inter-relações com outros que, em seguida, são absorvidas, no curso do desenvolvimento interno, tornando-se aquisições próprias da criança... A Aprendizagem, por isso, é um momento necessário e universal para o desenvolvimento, na criança, daquelas características humanas não naturais, mas formadas historicamente. (VYGOTSKY, 1973, p. 161)

Para aprender, a criança interioriza tudo que está acontecendo ao seu redor e que são fundamentais para seu desenvolvimento, tornando-se assim, o meio social, algo essencial para sua formação.

Sabemos que as experiências encontram-se sempre vinculadas a um contexto que, longe de ser apenas um ambiente, é um espaço sociocultural permeado por trocas significativas com mediadores. No caso do processo ensino-aprendizagem, o aluno é o sujeito, a escola o ambiente e o professor o mediador privilegiado. (Kabarite, 2014, p. 68)

Neste sentido, a escola constitui um ambiente fundamental para que ocorra a aprendizagem. Nela estão inseridas as ferramentas humanas essenciais para a efetivação da aprendizagem formal, social e interpessoal do indivíduo.

Não é demais afirmar que o vínculo contribui para o funcionamento da inteligência, pois sem ele não haveria interesse, necessidade e motivação. De acordo com Piaget apud Seber, (1997, p. 216):

[...] As construções intelectuais são permeadas passo a passo pelo aspecto afetivo e ele é muito importante. Tal aspecto diz respeito aos interesses, motivações, afetos, facilidades, esforço, ou seja, ao conjunto de sentimentos que acompanha cada ação realizada da criança. A afetividade é o motor das condutas. Ninguém se esforçará para resolver um problema de matemática, por exemplo, se não se interessar em absoluto pela disciplina. (PIAGET apud SEBER, 1997, p. 216).

Podemos afirmar então que os aspectos afetivos e cognitivos se relacionam mutuamente. A escola é um espaço vasto, onde se encontram diferentes valores, experiências, concepções, culturas, crenças e relações sociais.

Pode-se dizer que a escola é o segundo campo social da criança. É nela que ocorrerá a integração com outros indivíduos, que como tal, são advindos de diferentes lugares, famílias e costumes. Esta miscelânea de valores é o que irá desafiar e ao mesmo tempo incentivar e dar suporte para que conviva e aprenda com as diferenças físicas, de opinião, atitudes e valores.

Ao professor, neste aspecto, cabe o papel de mediador e provocador de reflexões sobre o modo de proceder e/para aprender e se relacionar de maneira harmoniosa.

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um

aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1989, p. 101).

Podemos afirmar que à aprendizagem escolar é dado um valor particular em seu processo de desenvolvimento e formação do sujeito, pois é através da escolarização que desenvolvemos as modalidades do pensamento essenciais para adentrarmos na sociedade letrada.

A maneira de fazer o que a educação prescreve, tem por objetivo a constituição do ser que determinado grupo social precisa: ser respeitoso, limpo, pontual, sem afetações, etc. através da ação desenvolvida e reprimida o sujeito incorpora uma representação do mundo, ao qual por sua vez se incorpora e se sujeita. (PAÏN, 1985, p. 18)

Ao ingressar na escola, a criança traz consigo conhecimentos e vivências constituídos no âmbito familiar, seu primeiro grupo social. Neste sentido, a escola, como instituição educadora, deve partir destes conhecimentos e saberes prévios para expandir e aprofundar conhecimentos científicos e formais de ordem acadêmica e social.

Desta forma, o processo de aprendizagem deve ser encarado como algo abundante de intencionalidade, instigando a curiosidade, interesse e encantamento em suas propostas.

“... nosso objetivo como educadores é a formação de homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão” - Carta do Padre Kolvenbach sobre o Paradigma Pedagógico Inaciano, Roma, 1993 (PEC, 2016, p. 29).

O professor jamais poderá esquecer de que este aluno já inicia sua vida acadêmica trazendo consigo concepções e ideias sobre diferentes assuntos, valores e atitudes. Algumas destas concepções estão relacionadas a temas e assuntos abordados em aula e assim, podem orientá-lo em sua aprendizagem, pois interferem na sua interpretação sobre o assunto tratado constituindo novas aprendizagens.

“... o papel do professor é mais que o de mediador das aprendizagens, especialmente em tempos de tamanha diversidade de “mediações”. O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor. (PEC, 2016, p. 44)

Para aprender é necessário que se estabeleça interações significativas entre conceitos e situações propostas com o uso das mesmas em sua vida diária.

A RELAÇÃO ENTRE VÍNCULO E APRENDIZAGEM

A primeira aprendizagem significativa de um indivíduo está pautada no vínculo físico e afetivo estabelecido com a mãe durante o período de gestação.

A criança recém-nascida vem ao mundo, dotada de um eu alegre, expressivo e pronto para experimentar e pesquisar, utilizando objetos e se comunicando com outras pessoas. Desde o princípio, as crianças demonstram uma notável exuberância, criatividade e inventividade diante de tudo que as rodeia, assim como uma consciência autônoma e coerente. (RINALDI, 2012, p.127)

O que caracteriza o ensinar e aprender é o vínculo entre quem ensina e quem aprende. Esta relação é afetiva, e é desta maneira que os bebês conseguem mobilizar os adultos para que supram suas necessidades básicas, estabelecendo assim as primeiras relações de ensino aprendizagem, que neste primeiro momento ocorre com os pais, irmãos, parentes e amigos mais próximos e depois ampliam-se na figura do professor.

“Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar” (FERNÁNDEZ, 1991, p.47).

Neste sentido, observamos que a aprendizagem e afetividade caminham de forma adjacente permeando as relações entre ensinante e aprendente.

“Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica).” (VYGOTSKY, 1989, p. 75).

Desta forma podemos enfatizar a crucial importância do papel do outro no processo de aprendizagem por meio de mediações e interações com o meio social.

A instituição escolar deve ter como prioridade em seu contexto, permear o vínculo afetivo entre professor e aluno.

O primeiro passo para sua efetivação é estabelecer a escuta como interação com o outro e um olhar personalizado considerando cada criança como ser único e

com tempos diferentes para constituir sua aprendizagem. Devem sentir-se seguras para manifestar suas ideias, receios, angústias, ansiedades e perspectivas.

O aprendente independente da faixa etária necessita sentir em seu ensinante a confiança, receptividade, empatia, aceitação sem julgamento precoce de suas ações, atitudes e condutas consigo ou com os demais.

É emergente que na consolidação da aprendizagem seja estabelecida de modo que possibilite ao ensinante construir um novo olhar individualizado e personalizado para cada criança com uma escuta sensível e centrada nas necessidades de cada indivíduo.

Para que as crianças possam expressar e tenham desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir.” Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar, compreender, dar valor às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. “Especialmente as crianças que falam pouco e que expressam mal, têm certamente coisas importantes a dizer e esperam apenas os adultos capazes de ouvi-las e de compreendê-las. (TONUCCI, 2005, p.18)

Cada dia mais, nos deparamos com crianças acostumadas a não serem ouvidas, sobretudo àquelas que se encontram na primeira infância. “Escutar as vozes das crianças como forma de melhor as conhecer, identificar e responder as suas necessidades, interesses, competência e direitos”. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2008, p.7)

Podemos ir além da audição e estruturar uma escuta com sentido amplo da palavra, onde haja formas de diálogos capazes de ouvir os exatos intuitos da fala de cada criança, estando lado a lado com ela fortalecendo sua autoestima e incentivando-a a expor suas ideias e constituindo assim, um cidadão crítico e consciente.

A escuta das cem linguagens, símbolos e códigos que usamos para nos expressar e nos comunicar, e com os quais a vida expressa a si mesma e se comunica com aqueles que sabem ouvir. E ainda: Escuta, portanto, como uma metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido-ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também a direção). (RINALDI, 2012, p. 124)

Para que haja indivíduos seguros, interessados e envolvidos com a aprendizagem e com o que ocorre à sua volta é primordial que o vínculo se estabeleça entre os pares no âmbito da aprendizagem para um melhor desenvolvimento intelectual.

À medida que esta ligação se concretiza, o aprendente se interessa e se encanta de acordo e com a mesma intensidade que possui seu ensinante.

Tal afirmação pode ser percebida claramente na educação infantil e séries iniciais durante a primeira infância, onde o professor, ao estabelecer o liame para com seus alunos se torna uma espécie de “ídolo”, com o qual se estabelece uma aprendizagem significativa e prazerosa, sendo o principal guia na trajetória do conhecimento. O que pode explicar ao fato de que determinados alunos, em séries posteriores, deixam de gostar de algumas disciplinas ou se encantam por outras que não tinham afinidade ou domínio. Isto se deve à falta ou existência do vínculo. Aprender deve ser gostoso e prazeroso, deve aguçar a satisfação e desejo em querer mais.

O educador deve desenvolver seus projetos e suas ações, caracterizando uma partilha de vida, de suas experiências, de seus acertos e erros, enfim, a partilha do aprendizado e da busca de aprender a crescer juntos. Criando vínculos e estabelecendo o afeto entre seus educandos.

“Quando alguém pertence a um grupo do qual recebe educação, sua aprendizagem não só depende de suas condições internas e de como é comunicada a educação, mas também dos vínculos que estabelece com os demais membros do grupo.” (VISCA, 2015, p.66)

Para que se estabeleça a aprendizagem, o vínculo deve ser estabelecido entre educador e educando e entre os alunos de um mesmo grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as reflexões acerca do vínculo e aprendizagem como fundamentais e interligados como processo na aquisição do conhecimento e desenvolvimento integral do indivíduo, consideramos que todo ser humano é um ser social e sendo assim, necessitamos de outros para vivermos e convivermos. É por meio desta convivência que desenvolvemos as diversas habilidades e potenciais

sociais, intelectuais e afetivos. Esta afetividade nos acompanha desde o nascimento até a morte, pois age como essência para nossa sobrevivência enquanto ser social.

Na sociedade contemporânea em que nos encontramos, sentimos a falta e a necessidade do estabelecimento de vínculos com o próximo. O mesmo ocorre frequentemente nas escolas, onde muitas vezes os alunos não são vistos ou tratados como ser social, mas sim como objetos de ensino. Tal conduta, por sua vez, pode ser um dos canais para o desinteresse e desmotivação na aprendizagem e influencia direta ou indiretamente na conduta de seu comportamento ou falta de.

O vínculo estabelecido em função da permissão e da proibição tem um papel fundamental na aprendizagem e na escolha vocacional: “A reflexão só faz crescer e amadurecer, quando resulta em decisão e compromisso”. (RUFFIER, 2009, p.60)

Faz-se necessário uma aprendizagem que capacite e leve o aluno a perceber o valor do aprendizado ao longo da vida e possibilitando o desenvolvimento dos talentos individuais e coletivos. A garantia de uma aprendizagem integral exige de nossas escolas e professores a compreensão de que o contexto mudou, os alunos que recebemos em nossas salas de aula não têm o mesmo perfil de décadas atrás. Hoje, recebemos alunos conectados com o mundo e atuantes na era digital, muitos desde cedo estão inseridos em programas sociais e envolvidos com ações para o bem comum. São sujeitos com criatividade que assimilam rapidamente quaisquer informações. Devem ter voz e serem respeitados dentro da sala de aula como protagonistas do processo de aprendizagem.

O espaço de aprendizagem não deve se limitar apenas no âmbito escolar, pois o ensino-aprendizagem exige respostas individualizadas, diversos modos de fazer e mediar à construção do saber, oportunizando vivências que atendam a diferentes necessidades. E neste aspecto, o vínculo e envolvimento com projetos que visam o bem comum só tende a se fortalecer, e com isto, contribuir com grandes avanços tecnológicos e científicos na busca de mecanismos que auxiliem na efetivação da dignidade humana.

É a partir da criação de vínculos que o sujeito percebe o próximo e suas necessidades.

Na sociedade atual, percebe-se que o indivíduo perdeu sua capacidade de vinculação. Neste aspecto cabe à família e a escola a motivação e a implantação de projetos e atitudes que resgate o liame e como efeito, o deleite no ambiente escolar cultivando as amizades estabelecidas pela convivência diária. Mas cabe aqui

ressaltar que a motivação para aprender está centrada na relação professor aluno. É na aproximação entre ambos que se constitui o respeito mútuo, aceitação e solidificação das afinidades.

A conscientização de que as relações constituídas com vínculos, quando despertadas e motivadas desde cedo no ambiente familiar e estendida à escola e educação formal, são capazes de formar homens e mulheres conscientes, compassivos, competentes e comprometidos na compaixão e empenho na busca pelo bem comum.

Quando se estabelece o vínculo com alguém ou algum grupo social, se prepara o indivíduo para qualquer atividade humana com autonomia e satisfação pessoal, psicológica e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Rede Jesuíta de Educação. **PEC: Projeto Educativo comum**. Edições Loyola, 2016.
- FERNANDÉZ, A. (1991) **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas,
- KABARITE, A., Mattos, V. **Psicomotricidade em grupo: o método growing up como recurso de intervenção terapêutica**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- KLEIN, Luiz Fernando. **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- LOYOLA, Edições. **Características da Educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.
- MATURANA, Humberto & Gerda Verden-Zoller. **Amar e brincar-fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.
- OLIVEIRA- FORMOSINHO Julia. (org.). **A escola vista pelas crianças**. Editora Porto, Portugal, 2008.
- PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Tradução Ana Maria Netto Machado, Porto Alegre: Artmed, 1985.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**, tradução Elzon Lenardon. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1994.
- RAMAL, Andrea Cecilia. **Carta de Santo Inácio de Loyola a um educador**. Revista Itaici, São Paulo, Ed. Loyola, n.48, p. 5-11, 2002.
- RINALDI, Carla. **Diálogos Com Reggio Emilia**. Escutar, investigar, e aprender. Tradução. Vânia Cury. 1. Ed. São Paulo: Paz e Terra. 2012.
- RUFFIER, SJ Pe. Maurício. **Pedagogia Inaciana – uma proposta prática**. 7ª Ed. São Paulo: Loyola. 2009.
- SEBER, Maria. **O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.
- TONUCCI, Francesco. **Quando as Crianças Dizem: Agora Chega!** Tradução. Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed. 2005.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação**. Compilado por Susana Rozenmacher. 5ª ed. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Visca & Visca Ediciones, 2015, 224p.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. 3. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Lo Sviluppo psichico Del bambino**. Roma: Riuniti, 1973.